

Marina põe à prova sua 'nova política'

Candidata que ficou fora do 2º turno procura saída para, ao mesmo tempo, dar apoio ao projeto tucano sem arranhar seu discurso

ELEIÇÕES 2014

Isadora Peron

Terceira colocada na disputa presidencial, Marina Silva (PSB) passou a semana em silêncio. Enquanto todos os partidos da sua coligação e a Rede Sustentabilidade, seu grupo político, já se manifestaram publicamente sobre quais caminhos vão seguir neste 2.º turno, Marina ora flerta com seu lado pragmático, ora com o lado "sonhático".

No domingo passado, assim que a derrota nas urnas foi confirmada, Marina surpreendeu seus aliados ao fazer uma clara sinalização de que apoiaria a candidatura do tucano Aécio Neves à Presidência. Até então, o sentimento geral entre os marineiros era o de que ela se manteria neutra, assim como fez em 2010, quando disputou a Presidência pelo PV.

O tom do pronunciamento foi oposicionista. Marina afirmou que os eleitores haviam demonstrado por meio do voto um sentimento de mudança, numa indicação de que não concordam mais com os rumos tomados pelo governo da presidente Dilma Rousseff (PT).

Essa foi a última manifestação pública de Marina. Desde então, ela permanece recolhida no apartamento que ocupa em São Paulo. Apesar do constante contato com aliados, pediu que eles evitassem declarações à imprensa e disse que ela própria anunciaria sua decisão

são quando considerasse oportuno. A discrição de Marina contrastou com o alarde feito pelo PSB. Após a Executiva da sigla optar pelo apoio a Aécio, ele foi recebido com festa e posou para fotos com os novos aliados.

Marina preferiu enviar um recado ao tucano. Ela se diz disposta a apoiá-lo, desde que ele se comprometa com uma série de propostas. É o que seu vocabulário sonhático chama de "acordo programático". Marina quer que o tucano abandone a proposta de reduzir a maioria penal e assuma compromisso com a reforma agrária e a demarcação de terras indígenas, entre outros temas. Ontem, Aécio criticou a política

'SONHÁTICA'

Julho de 2011

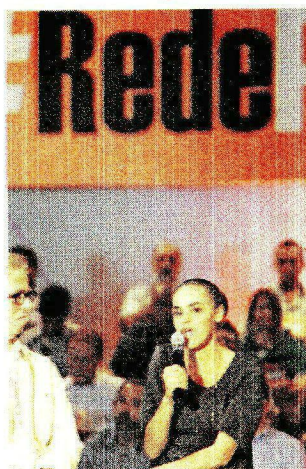
Depois de conquistar quase 20 milhões de votos no 1º turno da eleição de 2010, Marina deixa o PV – sigla à qual se filiou após se desligar do PT – criticando a legenda e a estrutura partidária do País: "Não é hora de ser pragmática, é hora de ser 'sonhática'".

Novembro de 2011

Sem partido, Marina lança o Movimento por uma Nova Política, que tende a se constituir em base de um futuro partido.

Fevereiro de 2013

A ex-ministra começa a coletar assinaturas para a criação da Rede Sustentabilidade. Em encontro com militantes em Brasília, no dia 16, Marina diz que o partido não será "nem oposição nem situação" ao governo Dilma.



Outubro de 2013

Por 6 votos a 1, os ministros do TSE negam, no dia 3, o registro da Rede, considerando que não foram obtidas as assinaturas exigidas pela legislação. "Podemos não ter o registro legal, mas temos o registro moral", diz Marina.

'PRAGMÁTICA'

Outubro de 2013

No dia 5, prazo final para filiação a um partido para quem quisesse disputar as eleições de 2014, Marina filia-se ao PSB e anuncia apoio à candidatura do então governador de Pernambuco, Eduardo Campos, à Presidência.



Agosto de 2014

Com a morte trágica de Campos, em acidente aéreo no dia 13, Marina decide assumir a cabeça da chapa da coligação Unidos pelo Brasil, da qual era candidata a vice.

Agosto de 2014

Marina mantém defesa do sistema de metas de inflação, câmbio flutuante e responsabilidade fiscal, o chamado tripé econômico, parte do programa de governo de Campos. Também prega a autonomia do Banco Central.

Outubro de 2014

Candidata chega às vésperas da disputa em empate técnico com o tucano Aécio Neves. Na votação no 1.º turno, fica em 3.º lugar com 21% dos votos válidos. No 2.º turno, após fazer duras críticas à polarização PT-PSDB, diz a aliados que vai apoiar Aécio.

de demarcações do governo Dilma e destacou a "importância" da questão das mudanças climáticas, mas não citou a discussão sobre maioria penal.

Para o cientista político e professor da FGV-SP Marco Antonio Teixeira, impor essas exigências foi a maneira que Marina encontrou para não ser acusada de incoerência, já que passou a campanha defendendo o que chama de "nova política". "Não consigo pensar em nada mais sonhático do que impor uma agenda de esquerda a um candidato de direita", brincou o professor.

Para Teixeira, ela tenta sair menos enfraquecida do processo eleitoral, após novamente ficar em terceiro lugar, ao fazer essas demandas a Aécio.

Se ceder em muitos pontos, diz, Marina terá demonstrado que seu único objetivo era tirar o PT do poder, igualando-se

aos demais partidos que fecharam acordos com o tucano.

Histórico. Marina se autointitulou "sonhática" em 2011, quando deixou o PV e começou a articular o Movimento pela Nova Política. No ano passado, o grupo decidiu criar um partido para que ela pudesse disputar a Presidência. Batizado de Rede Sustentabilidade, a sigla não conseguiu o registro no Tribunal Superior Eleitoral.

Diante dessa negativa, Marina tomou sua primeira atitude pragmática: filiou-se ao PSB para apoiar a candidatura à Presidência de Eduardo Campos. Com a morte do companheiro de chapa, Marina assumiu a candidatura e endossou propostas que pouco tinham a ver com a sua trajetória, como a independência do Banco Central.

Com o resultado das urnas, a sonhática viu-se mais uma vez diante da necessidade de ser pragmática. O saldo político do apoio a Aécio levará tempo para ser mensurado. Apesar de aliados mais próximos serem entusiastas da aliança, a base da Rede resiste à ideia. Na sexta-feira, o racha no grupo tornou-se evidente. Um texto que começou a circular entre os mar-

ineiros afirmava que a aliança com o tucano representaria o fim da nova política e da própria Rede.

Discrição. Marina se mantém na sombra até anúncio

